



**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira**  
(Organizador)

# **Debates Geográficos da Realidade Brasileira**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira**  
(Organizador)

# **Debates Geográficos da Realidade Brasileira**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editores:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D286	<p>Debates geográficos da realidade brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-017-9 DOI 10.22533/at.ed.179200405</p> <p>1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910.03</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Debates Geográficos da Realidade Brasileira”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e um capítulos a partir de análises, ensaios, relatos e pesquisas de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento público na área de Geografia, entre outras áreas afins para debater a função social da ciência geográfica, bem como das Ciências Humanas no cotidiano de um país marcado por inúmeras contradições e desigualdades sob a égide de práticas que violam a nossa jovem democracia.

A Coletânea está organizada a partir de alguns eixos temáticos, quais sejam: Ensino de Geografia, Geografia Agrária, Geografia Urbana e Econômica, Cartografia e Geoecologia, Geografia Cultural e Política e Geografia Regional. Tal diversidade revela a necessidade da Geografia para compreensão, e, sobretudo, transformação da realidade brasileira e suas conexões com o mundo globalizado. Nesse devir, urge refletir e construir teorias que possam desvendar nosso futuro comum.

Assim, os capítulos 1, 2 e 3 versam sobre as possibilidades do Ensino de Geografia, enfatizando respectivamente a Cartografia Tátil, o Trabalho de campo e propostas inclusivas, bem como os desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia.

No segundo eixo sobre Geografia Agrária, os capítulos 4, 5 e 6 tratam dos desafios da construção de um Atlas da Questão Agrária Norte Mineira, a formação territorial da Campanha Gaúcha e a Indústria de beneficiamento de arroz no interior do estado de São Paulo.

O terceiro e maior eixo temático da Coletânea, versa os desafios urbanos e econômicos na contemporaneidade, cujas análises estão presentes nos capítulos 7 a 15 a partir dos seguintes subtemas: reestruturação produtiva no Recôncavo baiano, vulnerabilidade e renda familiar na região imediata de Ituiutaba - MG, consumo, comércio e novos empreendimentos em Timon – MA, gestão territorial urbana em Belo Horizonte – MG, subúrbios de Recife-PE, renovação urbana em Paulista-PE, planejamento urbano e participação popular em Teresina-PI, empresas de publicidade e rede urbana no Brasil e a produção territorial-urbana em Oiapoque-AP.

O Capítulo 16 apresenta uma importante e atual análise sobre a Cartografia do feminicídio em Belém-PA, cujos dados versam sobre o período de 2011 a 2018. Já os capítulos 17 e 18 apresentam as Unidades Ambientais em Santa Maria – RS a

partir de uma revisão da sustentabilidade ambiental e urbana e as estratégias para Educação Ambiental em área de risco na Zona Norte de Recife-PE.

Na sequência o capítulo 19 apresenta uma análise sobre o conflito Sírio em consonância com formação territorial e os desafios políticos e o sectarismo religioso. Enquanto o capítulo 20 apresenta um breve relato sobre o divino, o sagrado e o profano e a relação com os rituais africanos nos países do Mercosul. Por fim, no capítulo 21 discute-se o conceito o nordeste brasileiro a partir de um profícuo diálogo com as teorias de Gilberto Freyre.

Esperamos que as análises e contribuições publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da Geografia em sintonia com a sua função e responsabilidade socioambiental e territorial para construirmos alternativas para transformar a realidade a partir de uma Geografia socialmente engajada.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFEÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO	
Laís Caroline Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS PERMEADO POR TEMÁTICAS INTERDISCIPLINARES E POR PRÁTICAS INCLUSIVAS DE TRABALHO DE CAMPO	
Maria Solange Melo de Sousa Juanice Pereira Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Severino Alves Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A CONSTRUÇÃO DO ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA NORTE MINEIRA E OS DESAFIOS E DISPUTAS TERRITORIAIS	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira Anderson Willians Bertholi Bruna França Oliveira Tayne Pereira da Cruz Walcricio Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA	
Anderson Luiz Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
“INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ EM SANTA CRUZ DO RIO PARDO E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS”	
Reinaldo Luiz Selani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
DINÂMICA TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO RECÔNCAVO BAIANO	
Alessandra Oliveira Teles Wodis Kleber Oliveira Araujo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1792004057</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 87**

RENDA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE ITUIUTABA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto

Nélio Paulo Sartini Dutra Júnior

Léia Adriana da Silva Santiago

Lílian Gobbi Dutra Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.1792004058**

**CAPÍTULO 9 ..... 108**

SHOPPING CENTER NA AVENIDA PIAUÍ: CONSUMO, COMÉRCIO E NOVOS EMPREENDIMENTOS EM TIMON (MA)

Amanda Maria Pires De Brito

Antônio Cardoso Façanha

**DOI 10.22533/at.ed.1792004059**

**CAPÍTULO 10 ..... 120**

DEMOCRACIA ELETRÔNICA E GESTÃO TERRITORIAL URBANA EM BELO HORIZONTE-MG

Vandeir Robson da Silva Matias

Matusalém de Brito Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.17920040510**

**CAPÍTULO 11 ..... 137**

DOS ENGENHOS, SÍTIOS E ARRABALDES AO SUDOESTE DO RECIFE CONTEMPORÂNEO

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Rodrigo Dutra-Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.17920040511**

**CAPÍTULO 12 ..... 152**

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE PAULISTA/PE

Everton Barbosa da Luz

Rodrigo Dutra-Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.17920040512**

**CAPÍTULO 13 ..... 168**

NOTAS SOBRE O MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE TERESINA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Gilson Barbosa de Sousa

Aline de Araújo Lima

**DOI 10.22533/at.ed.17920040513**

**CAPÍTULO 14 ..... 179**

ESTRATÉGIA E CORRELAÇÕES ENTRE AS EMPRESAS DE PUBLICIDADE E A REDE URBANA BRASILEIRA

Ronaldo Cerqueira Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.17920040514**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>189</b>
REALIDADES FRONTEIRIÇAS: REFLEXOS NA PRODUÇÃO TERRITORIAL-URBANA EM OIAPOQUE – AMAPÁ	
Edenilson Dutra de Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040515</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>209</b>
CARTOGRAFIA DO FEMINICÍDIO EM BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS ENTRE 2011 A 2018	
Tatiane da Silva Rodrigues Tolosa	
Clarina de Cássia da Silva Cavalcante	
Roberto Magno Reis Netto	
Robson Patrick Brito do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>219</b>
UNIDADES AMBIENTAIS PARA SANTA MARIA/RS	
Priscila Terra Quesada	
José Manuel Mateo Rodriguez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>230</b>
PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE	
Silvana Paula Soares	
Rodrigo Dutra-Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>245</b>
O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO	
Leonardo Johas Petrocelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>254</b>
OS VÍNCULOS DO CORPO E DA MENTE: O DIVINO, O SAGRADO E O PROFANO E SUAS RELAÇÕES COM OS RITUAIS AFRICANOS EM PAÍSES DO MERCOSUL	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez	
Maurício Ribeiro da Silva	
Cristina Vieira Barbosa, pedagoga	
Gabrielle Pellucio De Felice Lenci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>258</b>
A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE	
Marina Loureiro Medeiros	
Rodrigo Dutra Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17920040521</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>269</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>270</b>

## PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE

*Data de aceite: 13/04/2020*

### **Silvana Paula Soares**

Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo da Universidade Federal de Pernambuco / UFPE, Recife – PE

<http://lattes.cnpq.br/5833488711651776>

### **Rodrigo Dutra-Gomes**

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo da Universidade Federal de Pernambuco / UFPE/ Recife – PE

<http://lattes.cnpq.br/1899143196478529>

**RESUMO:** A expansão urbana desordenada sobre áreas inadequadas a ocupação humana, provocados por processos de segregação sócio-econômico-históricos, ao longo do tempo, contribuíram para uma série de problemas ambientais, como moradias em áreas com elevadas declividades sujeitas a processos de deslizamentos. Tais fatores põem, em risco a vida e o patrimônio de moradores, que por falta de alternativas, ocupam esses espaços vulneráveis. Portanto, o presente trabalho apresenta reflexões e análises resultantes de uma pesquisa exploratória sobre o uso da Paisagem no processo de sensibilização ambiental em áreas de risco da zona norte do Recife, especificamente, o Alto do Maracanã

em Dois Unidos e o Córrego do Deodato em Água Fria. Especialmente os ambientes vulneráveis a riscos de deslizamento, de modo que fosse possível obter um conjunto de informações úteis à gestão da prevenção de riscos de desastres e o cuidado com o meio-ambiente urbano. As bases empíricas forneceram informações e sugestões que podem auxiliar no processo de conscientização ambiental local e para a mitigação dos riscos naturais. Os resultados preliminares constataam a fragilidade da estrutura organizacional do município quanto ao monitoramento das ações educativas realizadas nessas áreas, apontando ainda para a dificuldade de atuação do órgão de Defesa Civil Municipal, quanto aos profissionais adequados e ao material explicativo, principalmente o utilizado nas escolas locais. Por outro lado, evidencia-se a latente potencialidade dos moradores em colaborar com as ações propostas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem; Sensibilização ambiental; Área de risco.

**ABSTRACT:** Disorganized urban sprawl over areas unsuitable for human occupation, caused by socioeconomic-historical segregation processes, over time have contributed to a great number of environmental problems, such as housing in areas with high slopes subject to landslides. These factors endanger the life and

property of residents, who, because of a lack of alternatives, occupy these vulnerable spaces. The present work exhibit reflections and analysis resulting from an exploratory research on the use of Landscape in the process of environmental awareness in areas of risk in the north of Recife, specifically the Alto do Maracanã in Dois Unidos and the Córrego do Deodato in Água Fria. Especially the environments vulnerable to slip hazards, so that it would be possible to obtain a set of information useful for the management of disaster risk prevention and care for the urban environment. The empirical foundations provided information and suggestions that could assist in the process of local environmental awareness and natural hazard mitigation. The preliminary results show the fragility of the organizational structure of the municipality regarding the monitoring of educational actions carried out in these areas, also pointing to the difficulty of the Municipal Civil Defense agency, regarding the appropriate professionals and the explanatory material, especially that used in local schools. On the other hand, it is evident the latent potential of the residents to collaborate with the proposed actions.

**KEYWORDS:** Landscape, environmental awareness, risk area

## 1 | INTRODUÇÃO

O crescimento acelerado das cidades e o avanço da expansão urbana desordenada sobre áreas inadequadas têm apresentado uma série de problemas ambientais, seja a falta de saneamento adequado, áreas sujeitas à inundação, áreas com elevadas declividades sujeitas a processos de escorregamentos. Os danos humanos e materiais, causados em desastres como os deslizamentos de terra que atingem a Zona Norte da Cidade do Recife, principalmente no período chuvoso, expõem a fragilidade dessa população mais carente e o despreparo da administração pública para lidar com situações extremas, muito embora, tais ocorrências sejam repetitivas e previsíveis. Tal complexidade dessa questão tem sugerido estudos sobre o processo de percepção de riscos dos moradores de áreas consideradas vulneráveis e/ou de risco.

Estudos têm sido realizado sobre a percepção de risco em sua dimensão objetiva, o que nos traz elementos preciosos à compreensão da dinâmica das encostas nos morros da cidade do Recife – em destaque para os bairros de Alto Maracanã e Córrego do Deodato. Porém, poucos são os estudos relatando a relação estabelecida entre o homem e o meio em áreas consideradas vulneráveis a escorregamentos. Essa situação agrava-se quando verificamos que poucas iniciativas são tomadas no sentido de projetar e implementar ações de educação ambiental efetivas, que possam mitigar e prevenir esses problemas, sobretudo quando se sabe que é fundamental o conhecimento e a participação das instituições de ensino e dos moradores locais.

A Paisagem pode ser utilizada como estratégia para a percepção e educação ambiental em áreas de risco. Essas áreas, além de apresentarem um histórico de

problemas ambientais e sociais, apresentam em suas feições uma Paisagem que agrega vários fatores distintos e facilmente observados, tais como degradação ambiental, falta de saneamento, excesso de lixo, moradias com localização precária, além das tão conhecidas lonas pretas, que se espalham por todo o ambiente expondo a fragilidade local. Essas fragilidades muitas vezes se apresentam em áreas onde se encontram muitas escolas públicas, principalmente de ensino fundamental, expondo esses problemas ao cotidiano de moradores e alunos. Conseqüentemente é essa Paisagem, agregadora de tantos fatores, que pode contribuir para o estudo e entendimento dos problemas ambientais e das situações de risco local. Considerando estes fatores, o presente estudo pretende interpretar esse ambiente e seus problemas associando-o à Paisagem local nas situações de risco socioambiental, levando em conta a percepção dos moradores e estudantes locais acerca da Paisagem exposta. Se esta mesma Paisagem pode contribuir de maneira educacional para facilitar o entendimento dos problemas que se apresentam.

O texto que apresentamos é o resultado de uma pesquisa realizada com moradores da área de estudo, considerando sua relação e percepção quanto as Paisagens apresentadas. Além, do trabalho de observação feito com alunos de escolas públicas de ensino fundamental, situadas no entorno do Alto do Maracanã e do Córrego do Deodato, na Zona Norte do Recife, que é uma referência paisagística e socioambiental dos problemas abordados. Participamos com a Defesa Civil do município em dois projetos de educação ambiental, implementados em áreas de risco de deslizamentos de terra abrangendo populações em situação de vulnerabilidade socioambiental. São elas: Comunidade do Alto do Maracanã, no Bairro de Dois Unidos e a Comunidade do Córrego do Deodato, no bairro de Água Fria, situados na Zona Norte da Região Metropolitana do Recife. Junto aos ‘agentes educadores’ acompanhamos o desenvolvimento dos projetos denominados de ‘ações de comunicação’ que investem em medidas educativas realizadas em escolas do bairro, cuja finalidade é divulgar aos estudantes informações sobre como identificar situações risco, bem como práticas e medidas realizadas no cotidiano que possam minimizar ou sanar possíveis ocorrências. Assim participamos do trabalho dos agentes nas visitas de ‘porta em porta’, a partir de diálogos informativos com os moradores, fazendo com que essas ações, além de promover esclarecimento, incentivem esses moradores a disseminar informações por meio de um sistema de veladura local, ajudando a comunidade na mitigação dos problemas, através de alertas à Defesa Civil.

Espera-se, portanto, que esse trabalho possa promover uma reflexão sobre as práticas realizadas com a possibilidade de novas ações voltadas para populações em situação de risco. Ações capazes de impulsionar transformações para a redução de riscos de desastres, principalmente diante de eventos meteorológicos extremos.

Esta estratégia de sensibilização ambiental, dentro de um contexto de busca pela conscientização das condições de risco socioambiental, pode apresentar um retorno positivo, uma vez que, na Paisagem estão presentes todos os elementos que descrevem os problemas abordados.

## 2 | A PAISAGEM NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE ÁREAS DE RISCO

Existe uma tendência de se pensar na paisagem apenas como aquilo que pode ser visto e descrito, sem se levar em conta a relação entre os elementos que compõem essa paisagem. O que observamos em um determinado momento é o resultado da inter-relação de vários elementos que vão dando forma a esta ou aquela paisagem no decorrer do tempo. Callai (2005) diz que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar. Ou seja, um lugar que “não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro” (Santos, 2000, p. 114). Portanto, para compreender o lugar em que se vive é preciso conhecer a história desse lugar, os elementos presentes nessa paisagem e, assim, tentar entender o que ali acontece. Para Callai (2005) nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Se nenhum lugar é neutro, podemos através da paisagem, questionar essa neutralidade, uma vez que, é a partir dela, que os sujeitos atribuem significados espaciais aos lugares. A construção dessa identificação com os lugares perpassa pela transformação das paisagens, onde as memórias espaciais das histórias de vida desses indivíduos são requisitadas. A Paisagem, portanto, é fundamental para investigar a condição de vida e o contexto social dos indivíduos e grupos.

Toda paisagem possui características próprias, formas e marcas que descrevem o resultado da interação entre a sociedade e a natureza. Seu aspecto fisionômico é o primeiro contato com a realidade local, sua aparência cumpre a função de expor as condições próprias do lugar, sejam elas políticas, econômicas, históricas, culturais, estéticas, etc. São as paisagens que mostram, por meio de sua aparência, “a história da população que ali vive os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos” A paisagem “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (...) e a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão” (Santos, 1988, p. 62). É importante então considerarmos as características culturais dos povos e os interesses envolvidos na realização da leitura dessa paisagem. Assim, conjugando a observação com as histórias de vida,

podemos dizer que a Paisagem está cheia de historicidade, e por conta disso o sujeito que com ela interage também desenvolve um processo singular de seleção do que é observado. Podemos então considerar que as Paisagens,

São verdades construídas, mas enraizadas nas histórias das pessoas, dos grupos que ali vivem. Desse modo, fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. A materialização do ocorrido transforma em visível, perceptível o acontecido. A dinamicidade das relações sociais e das relações do Homem com a Natureza desencadeia um jogo de forças, cujos resultados são concretos e visíveis. (Callai, 2005 p. 238).

No âmbito da educação, podemos dizer que, se o estudo da paisagem pressupõe um melhor entendimento de uma determinada realidade social, através da observação e historicidade dos indivíduos e grupos sociais, é possível permitir que o educando vivencie empiricamente a identificação do seu lugar através da paisagem do mesmo. No entanto, para que isso faça sentido é preciso que o estudo dessa paisagem represente elementos que estão presentes no seu cotidiano, no exercício de observação diária e no contexto da sua história de vida, algo que está em constante modificação pelos indivíduos que ocupam e dividem esse mesmo espaço com ele, que interage constantemente com essa Paisagem, ajudando a construí-la direta ou indiretamente. Podemos assim, a partir da Paisagem, extrair elementos que subsidiam variadas discussões no planejamento territorial do espaço urbano. E no caso de áreas que apresentem problemas urbanos, esse conceito também pode nos ajudar a pensar possibilidades de discussões em Educação Ambiental (Morin, 1996).

Segundo Andrade e Ruschel (2013, p.3): “O estudo da paisagem representa uma importante categoria teórico-metodológico, na construção da educação ambiental, possibilitando a visualização de múltiplos aspectos caracterizadores do espaço. Podendo assumir assim uma parte ativa de um processo intelectual”. Seria correto então, dizer que a Paisagem é um recurso natural valioso, cuja gestão e proteção requer não só o conhecimento científico, mas, a sensibilidade, e ao mesmo tempo, ela tem um valor pedagógico riquíssimo, podendo ser utilizada para aprendizagem e senso estético. Direcionar essa aprendizagem e esse senso estético para os problemas ambientais da área de estudo, estimula o senso crítico dos sujeitos envolvidos. Afinal, as paisagens são testemunhas mudas e tagarelas ao mesmo tempo, das dinâmicas advindas das relações sociais de apropriação, ocupação, utilização e transformação do espaço geográfico. O uso da Paisagem como estratégia de educação ambiental, pode auxiliar o sujeito a compreender melhor esse processo de ocupação, utilização e transformação do seu espaço de vivência.

Essa situação pode ser observada nas percepções e vivências em áreas de



riscos ambientais, quando os sujeitos envolvidos nesse processo (no caso estudantes do ensino básico e moradores locais) constroem seus significados espaciais sob a referência dessas paisagens. Segundo Tuan (1983), este conjunto de saberes do ponto de localização das paisagens torna “[...] o lugar uma pausa no movimento. Com essa pausa permitindo que uma localidade se torne um centro de valor reconhecido”. A partir desse reconhecimento, podemos entender que os sujeitos que vivenciam as paisagens de uma área fragilizada física e socialmente, rodeada de elementos humanizados, com muitos problemas ambientais, áreas degradadas, sem saneamento, pontos de risco de deslizamento, etc. assimilam os elementos presente nessas paisagens, assim como do seu entorno, e, querendo ou não, passam a atribuir sentimentos e valores a elas. “Existe [aí] um sentido latente difuso através da paisagem que reconhecemos em uma evidência específica sem precisar defini-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.378). Esse olhar está ligado à forma como o sujeito se sente em relação a esse lugar. “Nosso corpo e nossa percepção sempre nos solicitam a considerar como centro do mundo a paisagem que nos é oferecida” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 384). Esse movimento de centralização contribui para que o sujeito observe o seu ambiente e interaja sobre ele.

Uma das alternativas utilizadas comumente na educação ambiental, e que pode dialogar com o estudo da paisagem, é recorrer à análise da qualidade de vida a partir da percepção desses sujeitos ao observarem os lugares onde vivem, salientando problemas e fazendo comparações com outros lugares. Pois, como aponta Leff (2007, p. 148), “a qualidade de vida está necessariamente conectada com a qualidade do ambiente e a satisfação das necessidades básicas, com a incorporação de um conjunto de normas ambientais para alcançar um desenvolvimento equilibrado e sustentado”. Em se tratando de áreas de risco, devemos neste ambiente procurar zelar pela “[...] conservação dos ecossistemas, a prevenção frente a desastres naturais, a valorização e preservação de recursos naturais e a sustentabilidade ecológica do habitat” Leff (2007, p. 149).

Esse trabalho de educação ambiental que busca o entendimento da qualidade de vida local, precisa ser abordado levando-se em conta todas as esferas da sociedade, independente de que o sujeito esteja inserido em meio socioeconômico fragilizado, uma vez que essas ações tendem a beneficiar toda a localidade. De acordo com Leff (2001, p.43), “a Educação Ambiental promove a construção de saberes pessoais e coletivos”. Assim sendo, dentro de um processo estratégico e contínuo, a educação ambiental estimula a reconstrução coletiva e a apropriação do saber. Isso significa que o conhecimento ambiental, assim como outros conhecimentos, não está “pronto”, e tão pouco nasce na mente dos sujeitos, mas sim, é um processo educativo que fomenta a capacidade de construção de conceitos pelos mesmos (LEFF, 2001, p.121).

A principal motivação da educação ambiental pela Paisagem em áreas de vulnerabilidade e risco consiste na possibilidade de os sujeitos envolvidos nesse processo se tornarem agentes multiplicadores da cidadania socioambiental, absorvendo informações que auxiliam na mitigação dos riscos, diminuindo os danos e tornando os conhecimentos acessíveis a um maior número de pessoas possíveis, que também se encontram em situação de vulnerabilidade e risco socioambiental, em uma dimensão muito além da carência econômica. “[...] Essas pessoas geralmente apresentam condições precárias de habitação e saneamento, subemprego, subconsumo, falta de integração e suporte familiar, e baixos níveis educacionais e culturais” (DEMMER e PEREIRA, 2001). Outra motivação se encontra no próprio ambiente escolar, em “[...] possibilitar a participação dos pais e responsáveis no processo de capacitação e formação dessas crianças e adolescentes, ainda que de forma indireta, porém efetiva” (DEMMER e PEREIRA, 2001). E neste sentido, buscar democratizar a consciência ambiental através do ensino, fazendo uso da Paisagem local.

A educação pela Paisagem vem contribuir como um instrumento capaz de fomentar esperança e utopias, sendo assim “[...] uma alavanca para que as crianças e adolescentes que dele participam superem a situação em que se encontram e conheçam os instrumentos necessários para que possam ser capazes de transformar seu destino” (DEMMER e PEREIRA, 2001). É preciso reconhecer a importância da educação ambiental nessas áreas, pois, cidadania socioambiental é um impulso para a construção de um futuro melhor em um âmbito individual e coletivo, pois ensinar é “[...] criar as possibilidades para sua produção ou sua construção” (FREIRE, 1997).

### **3 | PAISAGENS DE RISCO NA ZONA NORTE DA CIDADE DO RECIFE**

#### **3.1 A cidade do Recife: Características e fatores de risco**

A cidade do Recife (figura 1) apresenta grande importância tanto regional, quanto nacional desde o início de sua ocupação. De acordo com o IBGE em dados divulgados em agosto de 2017, o Recife estava entre as 10 cidades mais populosas do Brasil, ocupando a 9ª posição. Um dos fatores que contribuem para colocar parte dessa população em situações de risco é o modelo de ocupação histórico estabelecido por fatores socioeconômicos. Segundo Margareth Alheiros (1998), é em decorrência deste “[...] padrão de adensamento que se dá a concentração de problemas ambientais associados a riscos geológicos espacialmente distribuídos em função dos contextos ambientais que os favorecem”. Segundo a autora essa desordem na forma de ocupação e o número cada vez maior de indivíduos ocupando áreas inadequadas são a fonte de desequilíbrio ambiental.

Essa forma de ocupação adotada nos núcleos urbanos, com moradias

implantadas em patamares cortados nas encostas, contribui com a vulnerabilidade relacionada a um determinado cenário com predisposição a algum acidente de acordo com sua exposição a determinadas condições ou fenômenos externos. O Recife apresenta duas unidades geotectônicas principais, o embasamento cristalino e as bacias sedimentares, parcialmente recobertas pelos depósitos da formação barreiras e pelos sedimentos quaternários. Ao norte da região encontra-se o Complexo Gnáissico-Migmatítico, essas rochas, normalmente, apresentam-se bastante intemperizadas, gerando um capeamento de solo residual, solo com espessuras que podem chegar a mais de cinco metros, e possuem cores amareladas e avermelhadas quando estão secos. Outra característica importante a ser considerada no processo de ocorrência de deslizamentos na cidade do Recife é o fator climático. Recife está inserido no domínio climático conhecido como Tropical Chuvoso. Os meses de março a julho são aqueles que apresentam índices pluviométricas acima da média, com grande concentração de chuvas na cidade. É no período chuvoso, que os movimentos de massa ocorrem com maior incidência na Zona Norte do Recife, “[...] são os escorregamentos translacionais que, em geral, ocorrem durante ou logo após as chuvas intensas” (ALHEIROS, 2003). Segundo um estudo realizado pela Prefeitura do Recife, através do Programa Guarda-Chuva em 2003, a cidade do Recife, apresentava uma área de morros com 87,5 Km<sup>2</sup> o que representa quase 40% de toda a área da cidade, 33 km<sup>2</sup> dessas áreas de morros possuem suas encostas ocupadas irregularmente por moradias. Das 3.210 ocorrências registradas e atendidas pela Defesa Civil da cidade, no período de maio a agosto de 2003, 2.139 ocorrências foram registradas na Zona Norte (MACARIO, 2010).

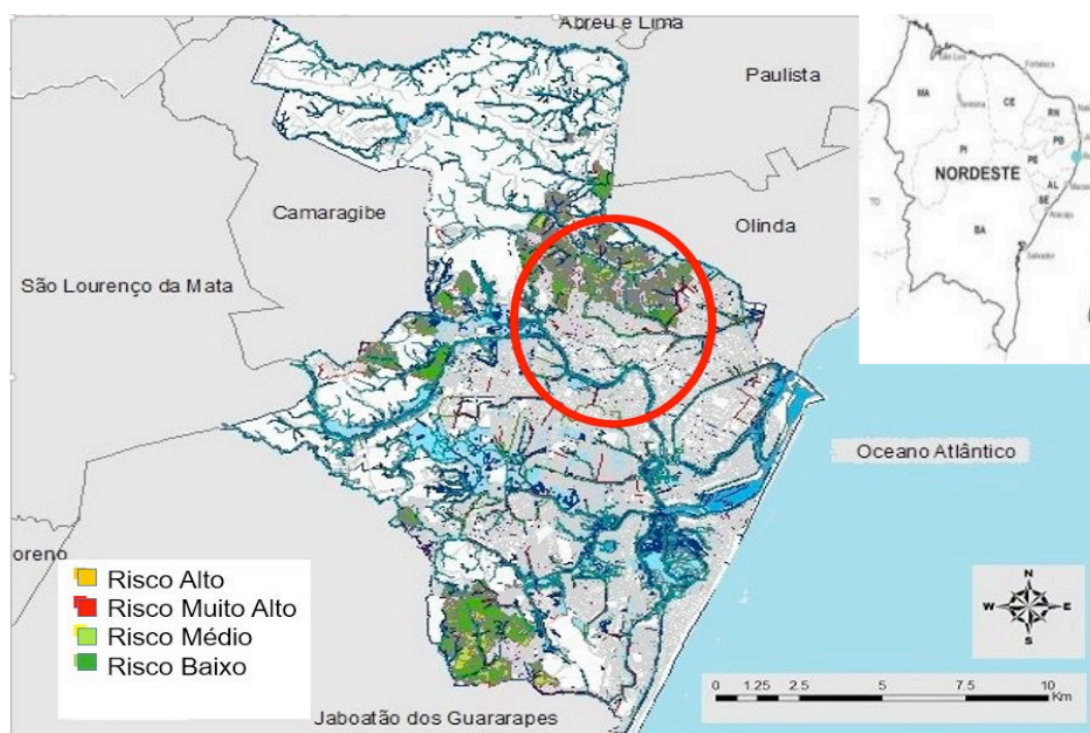


Figura 1: Localização e Mapeamento das áreas de risco Zona Norte do Recife.

Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura do Recife, Secretaria Executiva de Defesa Civil. Adaptado por José Rafael, 2015.

### 3.2 Paisagens de risco no Bairro Alto do Maracanã e Córrego Deodato

Segundo a historiadora Nadja Leite (2008), a área da Zona Norte de Recife é predominantemente urbana, e já se encontra bastante ocupada, concentrando assentamentos de uma população de baixa renda, com precárias condições de infra-estrutura e diversos problemas sócio-ambientais. A morfologia urbana da área caracteriza-se por um traçado irregular, com quadras de tamanho médio, ocupação intensiva em algumas áreas e vazios em outras. A condição de habitabilidade é crítica nas áreas de baixíssima renda, com moradias insalubres em situação de risco, principalmente, nas encostas de morros de alta declividade ou em áreas alagáveis e alagadas, como leitos de córregos e margens de rios e canais. A autora também relata que, historicamente, no bairro de Dois Unidos as localidades que foram se formando, a partir da ocupação informal e desordenada, consideradas até como uma conquista pela população ali residente. Contudo, a realidade dessa população caracteriza-se pelas péssimas condições de vida e de moradia, cujos imóveis são construídos quase sempre de forma inadequada e em locais impróprios para moradia.

Por outro lado, as histórias de formação dessas localidades contadas pelos seus moradores demonstram um sentimento de orgulho, o que simboliza a resistência desses grupos menos favorecidos de permanecer na localidade, apesar de seus problemas. Ou seja, essas áreas apresentam uma série de problemas no âmbito socioambiental, partindo da ideia da paisagem no domínio do aparente e de tudo que a visão pode alcançar (CAVALCANTI, 2006), mas também apresentam uma paisagem vivida e percebida pelos habitantes do lugar, no seu cotidiano. Essa imagem captada pelos sentidos humanos da paisagem possui dimensões de objetividade, pela presença dos elementos fixos, reconhecíveis e aparentes e dimensões subjetivas, pela leitura que é feita desse arranjo dos elementos que compõe esse lugar, seus movimentos e da estética atribuída à sociedade. O costume ao risco pode ser um agravante que precisa ser desvelado pela educação ambiental das pessoas.

Essas áreas de risco socioambiental, como o Alto do Maracanã e o Córrego do Deodato podem inicialmente, pela aparência objetiva da *Paisagem*, não ser apreendidas pelos moradores locais dentro de sua rotina cotidiana. Elementos como cicatrizes de erosão, de deslizamento, lixo sólido descartado nas encostas e córregos, áreas desmatadas, moradias construídas em barrancos, longas escadarias, muros de arrimo, lonas pretas para evitar o excesso de infiltração de águas da chuva e outras situações comuns a essas localidades. Todas essas situações possibilitam aos olhos do observador consciente desses elementos, captarem tais áreas no contexto da paisagem local, sem realmente apreender a complexidade dos problemas. Por outro lado, “[...] esses elementos são entendidos pelo geógrafo e/ou especialista como evidências de processos geomorfológicos. E tais evidências, [...] referem-se à presença de perigos iminentes, que podem ser captados pelo lance de visão sobre a paisagem investigada durante uma visita em campo e ou o estudo do meio” (SOUZA, 2013).



Fotos 1 e 2: Lona preta, muito usada pela Defesa Civil para evitar infiltrações de água: Alto do Maracanã.



Foto 3: Casas construídas nas encostas. Alto do Maracanã.

Foto 4: Lona preta já desgastada, favorecendo a infiltração de água no solo. Córrego Deodato  
Fonte: Silvana Soares, 2017.

Essas paisagens produzidas a partir de um processo de segregação espacial expressa “[...] relações sociais projetadas no espaço” (CAVALCANTI, 2006). Por meio dessa categoria de análise, é possível identificar o território dos excluídos das condições de qualidade de vida e da justiça social. “Podemos problematizar também a respeito da vulnerabilidade dos sujeitos expostos a perigos naturais, como deslizamentos, e sociais como contaminações, pragas e epidemias” (SOUZA, 2013). A paisagem dessas áreas nos traz elementos que podem ser facilmente utilizados em variadas temáticas. Podemos discutir a falta de espaços de lazer para a classe economicamente menos favorecida, a ineficiência do Estado na organização urbana desses lugares. Segundo a autora Carla Souza (2013): “Por meio dessa categoria, pode-se chegar à discussão do risco socioambiental de ordem natural e social combinadas”.

Após observações realizadas no entorno do Córrego do Deodato, especificamente, na área em volta da Escola Municipal Alda Romeo, onde foram realizadas entrevistas com moradores é possível observar que a ocupação da área se situa ao longo de todo o córrego e acima, no morro. De sua base até o alto da

encosta a ocupação é bastante densa, o que diminui consideravelmente a cobertura vegetal da área. Pode-se também observar, que as moradias situadas em encostas se encontram em situação de risco médio e alto, de acordo com a classificação da defesa civil do município, devido à alta declividade da encosta. Outros fatores a serem considerados é o baixo padrão construtivo das edificações, a falta de infraestrutura urbana local, como rede de esgoto precária, e o sistema de drenagem ineficiente, que associado ao risco de erosão fazem com que a possibilidade de deslizamento para estas edificações seja alta. O que torna essa área inadequada para a ocupação humana.

#### **4 | A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMBIENTAL E DOS RISCOS PELOS MORADORES**

Mesmo nas paisagens mais adversas, seja do ponto de vista da segurança ou da estética, é possível identificar situações de prazer e satisfação em relação ao lugar vivenciado. Tais sentimentos estão relacionados com o dia-dia de um lugar, ao fazer uma análise do espaço habitado. Para nos ajudar a compreender a relação afetiva entre os sujeitos e os espaços vividos, assim como, as paisagens que compõem estes espaços. Independente do seu grau de degradação e de sua fragilidade física, acompanhamos os agentes da Defesa Civil do Recife em suas visitas no projeto porta-a-porta, para conversar com os moradores a respeito de sua impressão sobre a paisagem vivenciada por eles.

Essa paisagem específica nos fornece elementos e exemplos para se tornar o palco de discussões e problematizações de práticas ambientais que auxiliem a comunidade a entender e buscar soluções para seus problemas. Isso foi vivenciado no decorrer da pesquisa, em diálogos informais junto aos moradores e em visitas as escolas de ensino fundamental, Alda Romeo e Escola Municipal Alto do Maracanã, localizadas nas comunidades do Córrego do Deodato e do Alto do Maracanã, nos Bairros de Água Fria e Dois Unidos, respectivamente.

Para observar e entender o que os moradores dessas localidades percebiam ao contemplar essa Paisagem optamos em um primeiro momento manter uma conversa informal com os moradores, para que os mesmos se sentissem à vontade, não permitindo que quaisquer constrangimentos atrapalhassem nosso trabalho. Esse diálogo aberto, possibilitou uma avaliação da relação que os moradores fazem entre o meio ambiente exposto na Paisagem e a qualidade de vida local. Os moradores entrevistados responderam perguntas direcionadas para que pudéssemos tentar compreender seus sentimentos em relação a esse espaço. Conversamos com 68 moradores das duas comunidades, a faixa etária não foi delimitada, o mais jovem tinha 29 (vinte e nove) anos e o mais velho 76 (setenta e seis) anos, o que trouxe

uma média geral de 48 (quarenta e oito) anos, ou seja, idade em que normalmente as pessoas já experienciaram muitas situações, o que foi proveitoso para a pesquisa. Desse total, 68% foram do sexo feminino, ou seja, 46 (quarenta e seis) mulheres e 32% do sexo masculino, 22 (vinte e dois) homens. Perfazendo um total de sessenta e oito entrevistados. Como mostra a gráfico 7.

Depois de uma conversa informal, perguntamos aos moradores sobre o que lhes chama mais a atenção na Paisagem local, o Alto do Maracanã e o Córrego do Deodato, embora a pergunta fosse aberta, a maioria dos entrevistados se dividiu entre três respostas. 50% responderam que é a quantidade de invasões associado a pouca vegetação, 37% mencionaram ser a quantidade de lixo descartado no entorno. Em terceiro lugar, com 10%, a beleza dos morros e a vegetação do entorno que ainda se encontra preservada, o restante dos entrevistados, apenas 3%, não souberam se expressar, ou deram respostas descritivas como: Casas, pessoas, escadarias, etc.

Esses primeiros dados nos levaram a entender que a grande maioria dos moradores entrevistados, 87% (oitenta e sete), veem como característica principal nessa Paisagem da comunidade os problemas ambientais: Crescimento urbano desordenado, alto índice de desmatamento, o excesso de lixo pelas ruas do morro. Diante das reclamações da maioria dos entrevistados, foi perguntado aos moradores, em relação à Paisagem, em que ambiente eles prefeririam viver. Analisando as respostas obtidas, 45% dos moradores preferem viver lá mesmo, na comunidade. É importante ressaltar que a pergunta destacava a qualidade de vida associada ao dia a dia, como moradia, escola, trabalho e lazer. Foi comum em quase todas as respostas o fato de que os entrevistados se sentiam acomodados, acostumados, seguros no ir e vir dentro da comunidade, no dia a dia. A sensação de familiaridade foi comum a todos que preferiam ficar. Mesmo ressaltando os problemas locais e as situações de vulnerabilidade, muitos verbalizaram que “problema tem em todo lugar”.

O passo inicial para o envolvimento dessas pessoas pode e deve vir através da informação sobre os problemas ambientais locais, sua sensibilização e o despertar da sua consciência para a possibilidade de mudanças. Depois de se refletir sobre uma situação, um lugar ou um problema, podem passar a ser percebidos de forma diferente e levarem as pessoas a construir novos valores e a buscar novas atitudes, que tragam mudanças reais ao seu cotidiano. Essa renovação da percepção pode acontecer com qualquer pessoa, de qualquer grupo social, em qualquer faixa-etária e a qualquer momento (BERNA, 2004).

Esse trabalho realizado diretamente nas encostas também conta com a realização de ações educativas a partir a conscientização das paisagens locais, cujo objetivo foi disseminar prover informações à população diretamente afetada. São visitas à comunidade feitas de porta-a-porta nas principais áreas de risco, onde as

equipes da Defesa Civil, dialogam com os moradores, levando informações, através da distribuição de material informativo, sobre como os moradores devem agir em uma situação de prevenção de acidentes e também de risco imediato. Esse contato com o morador é fundamental para o processo de gestão de riscos, uma vez que o morador é o principal interessado em manter seguro o seu ambiente, sua família e seu patrimônio. Essas ações são também relevantes, pois, colocam o morador diretamente envolvido nas questões que põem em risco toda a comunidade. Fazendo com que ele cobre responsabilidade dos vizinhos e do poder público.

Essas ações educativas também foram realizadas nas escolas municipais dos bairros que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade, com o objetivo de instruir os alunos, através de palestras, diálogos e entrega de material didático sobre o tema. Essa ação teve por finalidade disseminar as informações para que as crianças repassassem o que aprenderam entre os familiares e vizinhos que também residem em áreas de risco.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urbanização desordenada e acelerada resulta em um rápido crescimento dessas áreas periféricas, realizado prioritariamente, pela população de baixa renda, que sem alternativas disponíveis, acabam por construir suas residências em áreas ambientalmente frágeis com alta probabilidade de ocorrências a desastres. As Paisagens expressam tal processo e pode ser um eficiente mecanismo de conscientização social e ferramenta para gestão dos riscos.

Em nossas 'andanças' pelo Alto do Maracanã e pelo Córrego do Deodato, podemos observar o trabalho e a atuação da Defesa Civil municipal na proteção e atendimento a população residente nessas áreas de risco. Ficou claro em nossas observações, que esse processo de participação popular e de negociação coletiva de conscientização da Paisagem, quando instalado concretamente, além de educar os moradores, conscientiza a população do melhor caminho para resolver seus problemas, qualificando a intervenção desses agentes educativos, gerando confiança na capacidade da cidade em resolver seus problemas. É preciso assegurar segurança à população, uma vez que, não existem projetos para a realocação definitiva desses moradores. E que, como apurado na pesquisa, em sua grande maioria esses moradores não expressam desejo de se mudar, apesar das adversidades enfrentadas.

Ao acompanharmos os agentes da Defesa Civil, tanto nas escolas quanto no porta a porta com os moradores, foi possível compreender que essas comunidades têm uma rotina própria, uma dinâmica estabelecida pelas condições adversas em que se encontram. Isso se tornou ainda mais evidente no exercício de observação que



fizemos durante as visitas, a naturalidade dessas pessoas em relação ao seu meio, é de certa forma para o leigo, ‘inquietante’. Mesmo expressando descontentamento diante de algumas situações, essas pessoas estabeleceram um relacionamento quase harmônico com esse ambiente tão problemático, do ponto de vista, daqueles que lá não habitam. Quando confrontados com sua paisagem cheia de problemas ambientais e instigados a refletir sobre eles, o que esses moradores enxergam é o seu lar, seu ponto de apoio, seu local de descanso, seu porto seguro. Não queremos aqui dizer que essas pessoas vivem numa realidade ‘iludida’, incapazes de ver e ruminar seus problemas socioambientais. A pesquisa mostrou o oposto disso. Esses indivíduos enxergam em sua Paisagem todos os problemas relatados aqui. Mas eles também enxergam a sua casa, seus familiares, seus amigos, o lugar que conhecem, compreendem, onde ambigualmente se sentem seguros.

## REFERENCIAS

ALHEIROS, M. M. **Risco de Escorregamento na Região Metropolitana de Recife**. Recife, 1998. 120p. Tese de Doutorado. UFBA-IG, 1998.

ANDRADE, C.S.B; RUSCHEL, P.Í.S. **Percepção da Paisagem como ferramenta de sensibilização em auxílio à educação ambiental**. Trabalho apresentado no II Simpósio de Estudos Urbanos: A dinâmica das cidades e a produção do espaço. Agosto, 2013.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CALLAI, H. C. **Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica**. In: MORAIS, E. M. B., MORAES, L. B. (Org.). *Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia*. Goiânia: NEPEG, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Do ensinar Geografia ao produzir o pensamento geográfico**. In: REGO, Nelson (Org.). et AL. *Um pouco do mundo cabe nas mãos: Geografizando em Educação o Local e o Global*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. In: Oliveira, A. M. dos S. e Brito, S., N. A. - *Geologia de Engenharia*. São Paulo: Associação Brasileira de Geologia de Engenharia, 1998.

DEMMER, B. C.; PEREIRA, V. C. C. **Educação ambiental e estudo da paisagem: a percepção para a responsabilidade socioambiental**. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v.14, n. 2, p. 255-272. 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/.../2515>>. Acesso em:26 Ago. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis, RJ, Vozes/PNUMA, 2001.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.

MENDONÇA, Francisco: **Geografia e meio ambiente**. São Paulo: Ed Contexto, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Roberto Ribeiro Moura. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11.ed. São Paulo, Cortez, 2005.

PFALTZGRAFF, P. A. S. Mapa de suscetibilidade a deslizamentos na Região Metropolitana do Recife. Tese de Doutorado. UFPE-CTG-GEOCIÊNCIAS, 2007.

RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental**: abordagens múltiplas. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, C. Riscos, Geografia e Educação. In: LOURENÇO, Luciano F.; MATEUS, Manoel A (Org.). **Riscos naturais, antrópicos e mistos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. P.127-142.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação pedagógica 15, 17, 18

Amapá 189, 190, 191, 197, 198, 201, 203, 204, 207, 208

Arroz 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Atlas 37, 38, 39, 48, 49, 86, 127, 134, 136, 183, 187, 218, 253, 269

### B

Beneficiamento 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

### C

Campanha gaúcha 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Cartografia tátil 1, 2, 3, 4, 13, 14

Cidadania 15, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 123, 127, 129, 131, 136, 193, 215, 236

Cidades-gêmeas 189, 191, 192, 193, 200, 201, 202, 207

Comércio 57, 79, 81, 83, 85, 108, 109, 111, 114, 116, 163

Conhecimentos geográficos 15, 17, 18, 26, 27, 243

### D

Democracia 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Diversidade 15, 17, 19, 25, 26, 27, 33, 39, 40, 50, 52, 55, 60, 94, 101, 200, 243, 260, 268

Docente 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 108, 168

### E

Empresas de publicidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Engenhos 75, 77, 78, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 151

Ensino de geografia 1, 13, 16, 29, 35, 36, 243, 269

Estágio supervisionado 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

### F

Feminicídio 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Fronteira franco-brasileira 189, 199, 201, 206

### G

Gênero 54, 94, 174, 209, 210, 212, 213, 217, 218

Geografia agrária 37, 269

Gestão empresarial 179

Gestão urbana 120, 121, 122, 127, 131, 160, 168, 169, 171, 177

## I

Influência 72, 74, 78, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 164, 180, 185, 197, 200, 262, 263, 265

Interior 55, 56, 57, 61, 62, 74, 77, 121, 132, 140, 194, 265

## M

Mapas táteis 1, 3, 4, 12

Materiais 1, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 39, 53, 58, 73, 152, 153, 155, 156, 158, 162, 190, 195, 231, 245, 246

Mocambos 137, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 151

Mulher 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## N

Norte de Minas 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

## O

Oiapoque 189, 190, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208

## P

Participação 17, 19, 21, 25, 33, 42, 65, 72, 74, 110, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 156, 158, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 184, 220, 228, 231, 236, 242, 245, 269

Planejamento 38, 64, 85, 116, 117, 119, 120, 128, 129, 133, 136, 138, 157, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 188, 202, 219, 220, 221, 224, 228, 229, 234

Plano plurianual 2018–2021 168

Política 53, 57, 59, 63, 67, 69, 95, 96, 107, 110, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 168, 170, 171, 176, 178, 181, 187, 193, 194, 201, 214, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259

População 24, 44, 53, 55, 59, 63, 64, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 113, 115, 116, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 146, 148, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 183, 187, 191, 193, 197, 198, 200, 213, 221, 231, 233, 236, 238, 241, 242, 245, 246, 250, 251, 265

Produção 1, 4, 12, 27, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 113, 118, 119, 128, 131, 135, 140, 142, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 178, 181, 182, 189, 190, 194, 196, 201, 206, 217, 236, 243, 264

Produção do espaço 27, 85, 89, 118, 128, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165,

166, 178, 189, 201, 206, 217, 243

## R

Recife 36, 49, 85, 117, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 165, 166, 183, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 258, 259, 261, 263, 264, 267, 268

Rede urbana 86, 109, 110, 117, 118, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 207

Região imediata de Ituiutaba 87, 88, 90, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106

Renda familiar 82, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 104, 105

Renovação urbana 152, 154, 155, 160, 163, 171

R-existência 50, 51, 52, 55, 56

Rincões 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

RPA-05 137, 138, 140, 151

## S

São Paulo 6, 7, 9, 11, 12, 13, 28, 35, 36, 49, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 85, 86, 107, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 136, 138, 141, 142, 151, 154, 166, 167, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 207, 208, 217, 243, 244, 252, 253, 267, 268, 269

Shopping center 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Subalternidade 50, 51, 55, 57, 215

Sustentabilidade 15, 17, 19, 25, 27, 168, 170, 177, 219, 220, 224, 229, 235, 243

## T

Território 3, 26, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 110, 123, 127, 131, 135, 137, 140, 145, 154, 164, 167, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 217, 226, 229, 239, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 269

Território-fronteiriço 189

Timon 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119

## V

Valorização das raridades urbanas 152

Violência 40, 54, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 247

Vulnerabilidade social 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 105, 106

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**